



OPINIÃO

Acreditar na Europa?



**VIRIATO
SOROMENHO-
-MARQUES**
*Professor
universitário*

Partilho da baixa expectativa em relação à mais do que remota possibilidade de alívio da pressão dos mercados financeiros sobre o euro, como resultado da reunião extraordinária, de hoje, dos dirigentes máximos da Zona Euro. As fugas de informação que têm saído na imprensa, assim como as especulações, indicam que a Alemanha e os seus aliados principais (Áustria, Holanda e Finlândia) não mudaram substancialmente a sua perspectiva sobre a presente crise da Europa. Continuam presos na sua estratégia de quarentena. Pior ainda: se for concretizado o plano de uma reestruturação da dívida grega, envolvendo os investidores

privados, isso tornará obrigatório que Lisboa e Dublin sigam por essa complicada estrada (pode ser um alívio que sai caro...), que os mercados julgarão, já não só com desconfiança, mas com justificada hostilidade. Entre 2002 e final de 2009, os mercados financeiros acreditaram na União Europeia. Acreditaram que ao partilharem a sua política cambial e monetária, criando uma moeda única, os países da Zona Euro embarcavam num projecto irreversível de destino, num federalismo progressivo, que implica disciplina, mas também solidariedade, entreajuda e unidade perante desafios comuns. Os mercados não deram importância ao artigo 103.º do Tratado de Maastricht, retomado no artigo 125.º do Tratado de Lisboa, que diz, expressamente, que a União Europeia não se responsabiliza pelos Estados que não souberem equilibrar as suas finanças públicas. Por isso continuaram a em-

prestar a Atenas, Lisboa e Dublin a uma taxa de juro muito próxima da praticada relativamente a Berlim, a locomotiva da União. Em 2010, os mercados não descobriram só a dívida grega, mascarada por um corrupto Governo conservador. O que eles descobriram, na forma desastrosa como Berlim conduziu todo o processo de "resgate" e "punição" do povo grego, foi que esta Alemanha não acredita numa Europa unida, que parece sentir mais como um peso do que como uma vantagem estratégica para o seu próprio interesse nacional. Como pode a senhora Merkel pedir aos mercados que estes façam o sacrifício que ela recusa, ou que acreditem no que ela abomina? A Alemanha desperdiça a sua melhor hora, e os mercados tiram as suas ilações. Os mercados podem ser acusados de ausência de sentido moral, mas não de falta de inteligência.